



DAMASCENO, Maria Nobre

Doutora em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

maria@ufc.br

Resumo

A pesquisa estuda a formação da juventude de diferentes meios sociais, considerando os múltiplos pertencimentos dos sujeitos; o jovem enquanto agente social e sujeito produtor da cultura; busca saber quais os significados e os padrões culturais que os jovens utilizam para organizar sua vida cotidiana e interpretar as suas experiências, as várias formas de manifestações das culturas juvenis: crenças, valores, símbolos, normas e práticas sociais compartilhadas pelos jovens. O foco da investigação é o jovem enquanto agente social e sujeito produtor da cultura. O trabalho discute as formas de organizações e expressões culturais juvenis, no sentido de compreender como este segmento vivencia a diversidade cultural; problematiza as contradições, limites e possibilidades contidos no processo educativo referente à formação da juventude, tendo como norte a pluralidade cultural. Após a revisão das abordagens mais fecundas que vinculam à educação e formação juvenil, orientada pelas categorias de juventude, participação social, culturas juvenis e resgate da cidadania e passa-se a análise de práticas educativas vivenciadas pelos jovens de diferentes meios sociais, focando a desconstrução e a reconstrução das concepções e práticas educativas voltadas para a formação dos jovens, à luz de um projeto de valorização da cidadania crítica em sociedades multiculturais como no caso brasileiro.

Palavras-chave: Chaves: juventude, formação, cultura, participação, cidadania.





Formação da Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural¹

1- Bases do Estudo

O texto discute a formação da juventude a partir do reconhecendo da existência de múltiplos pertencimentos dos sujeitos, na construção de relações que o estruturam tanto individual como coletivamente. Assim, no espaço educativo que têm este segmento como destinatário é fundamental privilegiar a categoria de juventude no sentido de melhor entender o que se passa no interior das práticas educativas, tendo em vista que as instâncias educativas são espaços de sociabilidade e de práticas culturais. Esta investigação é um aprofundamento de estudos anteriores da autora sobre a juventude (Damasceno, 2000, 2001, 2004), os quais mostraram que apesar dos limites impostos pela socialização oriunda do mundo sistêmico, o jovem constitui de fato um ator social que no seu cotidiano não apenas reelabora os saberes, adquiridos na prática escolar e social, mas também, contribui na construção da sociedade, tendo em vista que buscam a mudança social, expressa através da crítica, da contestação, da transgressão, mas também da criação e, sobretudo, da vivência de novos padrões democráticos.

É preciso considerar que o jovem participante das práticas educativas vive as condições e as diferenciações relativas – ao gênero, à cor, ao ser jovem, à inserção social incompleta, ou seja, múltiplas dimensões de um mesmo ser social. Reter, para fins de produção de conhecimento e de intervenção do educativo, a referência - ser jovem - traduz, simultaneamente, um desafio e um caminho importante a ser trilhado (Spósito, 1997).

A categoria de juventude foi abordada neste estudo a partir de duas vertentes principais: a *geracional* e a *classista* (Machado Pais, 1996). A primeira se fundamenta no conceito de geração social, donde resulta o processo de continuidade e descontinuidade dos valores intergeracionais. Tal perspectiva de acordo com Abramo é profundamente influenciada pela corrente da sociologia funcionalista que toma como categoria de análise um *momento de transição no ciclo de vida*, da infância para a maturidade, que corresponde a um *momento específico e dramático de socialização*. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como "problema": *como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para a própria continuidade social*, a ênfase recai sobre a ótica do "problema social", quer dizer, a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade (Abramo, 1997). Já a vertente classista considera a juventude como um conjunto cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de *situações e ou meios sociais diferentes*. Portanto, tal perspectiva ao contrário da anterior, não aponta para a unidade e sim para a *diversidade* da juventude, esta configura seu elemento central através da aquisição de elementos apropriados da "cultura" e da assunção de papéis adultos.

As pesquisas mostram que o cotidiano dos jovens das camadas populares é marcado pela inserção social incompleta. Por essa razão, os jovens e suas famílias empenham parcela ponderável de suas forças e de suas energias na tentativa de superar a situação de exclusão a que são submetidos. Uma das vias apontada pelos sujeitos ouvidos em nossa investigação é a da possibilidade de melhoria social através do estudo; daí a maioria (99%) destacar a importância da escola. A relevância desta é atribuída às seguintes funções sociais da escola - ensina a ler e escrever, dar conhecimentos, ajuda a formar o cidadão, para ter um futuro melhor. É preciso desvelar a natureza ideológica da associação entre violência, marginalidade, e pobreza, como se esses fenômenos exprimissem uma relação linear de causa e efeito, sem considerar, por exemplo, a violência e a marginalidade de jovens de outras classes sociais, às vezes igualmente fortes, mas menos perceptíveis porque protegidas pela sociedade.

Uma forma de explicar o problema da insatisfatória participação social e política da juventude no atual momento histórico consiste em reconhecer que o sistema social tem se revelado incapaz de considerar



efetivamente os jovens como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de seus direitos (Abramo, 1997: 28). De outra parte, é preciso ter clareza que a sociedade vive um momento particularmente conflituoso e repleto de tensões e que os jovens as absorvem de forma visceral, pois estes são na verdade, um *espelho da sociedade* inteira, uma espécie de paradigma dos problemas cruciais do sistema social vigente (Melucci, 1997). A questão também é discutida por Diógenes que afirma ser a juventude o segmento *que mais catalisa as tensões sociais e as exterioriza*, porquanto *é a vitrine dos conflitos sociais* (Diógenes, 1998: 162).

Em um contexto de crescente globalização, a necessidade de uma educação para a diversidade cultural tem sido preconizada em literatura nacional e internacional através de três argumentos distintos: de um lado, a diluição de fronteiras geográficas pelos avanços da tecnologia, da mídia e da informática, que estariam propiciando um intercâmbio entre culturas distintas, o que exigiria uma sensibilização para a pluralidade de valores e universos culturais cada vez mais presentes no cotidiano de educadores, alunos e profissionais (Featherstone, 1997; Hall, 1997; Candau, 1997). Em uma outra perspectiva de análise, um segundo argumento levantado refere-se à constatação de uma filtragem de valores dominantes e de uma cultura predominantemente imbuída por valores consumistas que estaria ameaçando culturas locais, estabelecendo um processo de homogeneização que ameaça as culturas específicas. Neste caso, educação multicultural é percebida como uma via pela qual se promova o resgate de valores culturais ameaçados, de forma a se garantir a pluralidade cultural compreendida em uma perspectiva semelhante à de preservação da diversidade ambiental. Em uma terceira perspectiva, a exclusão social reforçada por uma globalização que não beneficia igualmente os diversos grupos sócio-culturais estaria favorecendo os processos discriminatórios, de racismo, de xenofobia, de manutenção de padrões sexuais, que atinge particularmente grupos sócio-culturais excluídos. A relevância em se promover à conscientização acerca da educação direcionada para a diversidade cultural constitui-se um elemento necessário à promoção de cidadãos críticos e participativos em sociedades cada vez mais multiculturais, esta formação deve ser enfatizada no interior de todas as instâncias educativas a partir do compromisso efetivo dos participantes envolvidos com o processo pedagógico direcionado para os jovens.

A ação educativa numa sociedade marcadamente desigual é visceralmente perpassada pelas contradições sociais, apresentando uma dupla perspectiva. Por um lado, a educação funciona como importante instrumento de fortalecimento do poder dos grupos dominantes; e, por outro, a transformação da sociedade não se produz espontaneamente exigindo a participação da educação nas lutas diárias dos trabalhadores, daí o papel da educação como arma na luta contra a opressão, como instrumento moral e intelectual das classes dominadas.

2- Alguns Resultados Obtidos.

Os resultados apresentados a seguir foram elaborados com base nas categorias temáticas da pesquisa: o significado da juventude segundo a óptica dos jovens; sonhos e participação em organizações juvenis; os jovens, os amigos e a convivência grupal; jovens cultura e lazer.

- A visão dos jovens acerca da juventude

A maioria dos jovens investigados concebe a juventude como fase da vida - a fase melhor, simbolizada pela liberdade, descoberta, responsabilidade, alegria de viver, quando o jovem está se descobrindo, um momento de transformação, de sonhos, quando o jovem tenta construir um mundo melhor. Alguns destacam que é um período maravilhoso, pois o jovem brinca, estuda, conquista amigos, descobre como a vida realmente é, e nessa transformação aparecem muitas confusões que paralisam as nossas ações, mas, apesar de todos os conflitos e dúvidas somos a esperança do país (GJR)ⁱⁱ Outro grupo ressalta que se trata de uma fase muito perigosa, por ser um período de descoberta o jovem, quer conhecer o mundo.

A concepção da juventude como fase de vida encontra respaldo teórico na corrente geracional, a qual tem como ponto de partida a noção de geração social, tal óptica põe em realce a dimensão da unidade da juventude. Para esta vertente, em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas) que se



desenvolvem a partir de um sistema de valores. A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente refere-se a continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico dominante nesta vertente baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo. Da perspectiva do funcionalismo, os conflitos ou descontinuidades geracionais são na maior parte dos casos disfunções resultantes do processo de socialização. A sociologia funcionalista no estudo da juventude tem seu ápice nos anos 60, tendo como preocupação central o jovem enquanto fonte de problemas. Alguns estudos na linha da teoria da socialização, acabaram por reconhecer as atitudes positivas dos jovens perante a família, a escola e a autoridade. Fala-se de rupturas, conflitos ou crises intergeracionais quando as descontinuidades entre as gerações se traduzem numa clara tensão ou confrontação. Seria o caso de algumas gerações políticas formadas no curso de crises ou processos político.

Os jovens consideram que hoje a rebeldia é um problema gerado na sociedade, e acrescentam se o jovem da periferia não for rebelde, a sociedade que está aí o destrói - hoje a sociedade é desigual, nós somos mesmo excluídos, somos um problema e vamos ser mais ainda, enquanto a sociedade não der condições para a juventude chegar e dizer: hoje a gente tem um trabalho, tem uma escola boa, o jovem é cidadão (GJU)

As pesquisas que buscam explicar o significado e a problemática da juventude na sociedade contemporânea, revelam a semelhança entre as falas dos jovens e elaboração teórica, a tematização da juventude é realizada basicamente pela ótica do "problema social", a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade (Abramo, 1997).

Os estudiosos estão preocupados em perceber as formas de agir coletivo entre os jovens, os diversos processos de sua socialização nos espaços do campo, da cidade, da rua, do trabalho, da escola. Procuram dirigir suas análises para o reconhecimento de que os jovens, em particular os filhos dos trabalhadores, são atores sociais portadores de novas identidades coletivas. Tal postura, em parte decorre da mudança de visão acerca da juventude, pois a partir dos anos 90 a visibilidade social dos jovens altera-se em relação aos anos 80. O que o caracteriza não é mais a apatia e desmobilização; mas, a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas.

Tal postura encontra ancoragem na "corrente classista" (Machado Pais, 1996), na qual a juventude é considerada como um conjunto e cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de situações e ou meios sociais diferentes. Esta perspectiva aponta para a diversidade do segmento juvenil, entendendo-a como construção sociológica; portanto, nos apoiamos na ótica da diversidade passamos a considerar as diferenciações oriundas de meios sociais, etnia, gênero, posto que esta não se reduz a uma única juventude. Os jovens no dia a dia, desconstruem o conceito de juventude enquanto unidade e mostram-se diversos. Procuram soluções para a exclusão e as contradições culturais, falam de política, desigualdades e buscam opções de lazer para o jovem, criam alternativas, recriam e legitimam espaços. A compreensão desta diversidade encontra-se no estudo do cotidiano, nas atividades que os grupos realizam, nas relações com os pares, tendo em vista que através desta rede de sociabilidade recriam espaços e tempos.

- Amizade e convivência grupal

Na busca do conhecimento de si e do outro a pólis grega clássica nos legou dentre outras contribuições, uma lição exemplar, inventou a *phylia*, a qual permite que as pessoas se reúnam pelo laço afetivo da amizade, por uma aproximação espontânea e consciente, visando à justiça e à virtude, ao bem-estar e à paz. Em sua essência a *phylia* está reservada àquelas associações em que os membros são verdadeiramente semelhantes, unidos pelo bem. A *phylia* é assim a essência da convivência humana, daí porque nossa reflexão apontou para a existência deste sentido original entre nossos sujeitos, pois a maioria dos jovens estudados (78,7%) considerou a amizade altamente importante. Por ordem de relevância, destacam que amigo é fundamental em suas vida para: bater papos, trocar idéias, desabafar compartilhar as horas de alegria e de tristeza, dar conselhos, ajudar no crescimento, para sentir bem, ser feliz, sair



divertir-se, ajudar a acabar com a solidão, dar apoio. Também ressaltaram as características de um amigo: aparecendo em primeiro plano, qualidades como: sinceridade, fidelidade, companheirismo, compreensão, lealdade, confiança. O sentido da amizade ocupa uma posição tão central no cotidiano dos jovens que estes ao opinarem sobre o que mais gosta no lugar onde mora apontam em primeiro lugar os amigos (64,7%).

Essa dimensão é destacada pelos jovens quando falam da importância do diálogo com os amigos: Eu entendo que os jovens gostam de conversar com os amigos porque os amigos dialogam mais que os pais, se tivesse mais diálogo entre pais e filhos era mais fácil de resolver os problemas (GJMST).

As falas evidenciam que os jovens, ao seu modo, estão reagindo ao processo de “modelização” (Guatarri, 1996). O autor considera que há uma produção da subjetividade ampla em escala mundial, de base capitalística, que se caracteriza pela produção serializada a que são submetidos os indivíduos, desde a mais tenra idade. Quer dizer, o sistema capitalista produz não apenas o controle das relações sociais, mas também a produção da subjetividade, o que significa uma “modelização” nos modos de percepção, sensibilidade, linguagem, memória, relações sociais. Uma outra importante contribuição nesta linha de análise é a noção de experiência social (Dubet, 1994) cujos estudos privilegiam o resgate da individualidade e da identidade do sujeito, revelando que o ator constrói a sociedade no cotidiano, não sendo apenas um indivíduo que realiza o sistema. O autor em pauta enfatiza que os estudos contemporâneos mostram que as ações do indivíduo não são reduzidas às exigências do mundo sistêmico; na verdade, estes atuam como atores que constroem a sociedade nas trocas cotidianas, nas práticas de linguagem, no apelo à identidade; conserva-se uma distância subjetiva entre o ator e o sistema, tal entendimento significa uma superação da concepção fundada na racionalidade instrumental.

O resgate da individualidade e da identidade na compreensão da ação do sujeito ao mesmo tempo em que preserva a autenticidade da experiência subjetiva e dos saberes que a sustentam, mantém o elo com o coletivo e o social. O grupo representa um lugar onde se pode ver no outro o próprio reconhecimento, o que se iguala, enquanto grupo social. O que explica, em parte, a forte tendência juvenil que justamente nessa fase de construção de identidade, busca o grupo de iguais, os pares são essenciais para a construção da identidade juvenil e para o processo de socialização no mundo dos adultos. Há, nessa fase da vida, uma inserção mais forte em outras instituições que pode, muitas vezes, repercutir no próprio padrão socializador desenvolvido pelo grupo familiar de origem (Spósito, 1992).

A convivência grupal é tão importante que os jovens preenchem seus tempos em favor do grupo, realizam reuniões, seminários, oficinas de dança, teatro, ensaios de bandas, etc. Através destes se apropriam do espaço, pois no tempo coletivo estruturam seu cotidiano e compartilham suas reivindicações por melhores opções de lazer, no esporte, na religião, na música, na dança e na arte. Enfim, nos grupos preenchem a maior parte do seu tempo, dedicando-se as atividades destes, onde estabelecem horários para reuniões, debates, seminários, ensaios, estudos bíblicos. Quanto às relações que os jovens desenvolvem a partir de sua entrada na escola, verificamos que estas variam muito, dependendo do espaço e momento em que ocorrem, seja fora ou dentro da escola, fora ou dentro da sala, numa clara relação entre tempo e espaço. O recreio é o momento de encontro por excelência. Os alunos de diferentes turmas se misturam, formando grupos de interesse. Há um clima diferente entre o encontro no início das aulas, e o da hora da saída, quando as relações tornam-se mais fugazes, com mais avisos, recados, combinações. Convém destacar que em cada um destes momentos, predomina um tipo de relação, com comportamentos e atitudes próprios, regras e sanções. O estudo indica que os educadores precisam ter clareza que são as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação em um sentido amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico. É a diversidade cultural que faz com que os indivíduos possam articular suas experiências em tradições e valores, construindo identidades cujas fronteiras simbólicas não são demarcadas apenas pela origem de classe (Dayrell, 1992). Na medida em que a escola não incentiva o encontro, ou ao contrário, dificulta a sua concretização, ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitindo ou em situações de transgressão.



O cotidiano na sala de aula reflete uma experiência de convivência com a diferença. Independente dos conteúdos ministrados, da postura metodológica dos professores, é um espaço potencial de debate de idéias, confrontos de valores e visões de mundo, que interfere no processo de formação e educação dos alunos. E ainda, um momento de aprendizagem de convivência grupal, onde as pessoas estão lidando constantemente com as normas, os limites e a transgressão. Vista por esse ângulo, a escola se torna um espaço de encontro entre iguais, possibilitando a convivência com a diferença, de uma forma qualitativamente distinta da família e, principalmente, do trabalho. Possibilita lidar com a subjetividade, havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem idéias, sentimentos.

Nesse sentido, a experiência vivida é matéria prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura aqui entendida enquanto conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados: expressões simbólicas da inserção dos indivíduos em determinado nível da totalidade social, que terminam por definir a própria natureza humana, o mundo real não é um contexto fixo, não é só nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é hoje, mais que nunca, uma clara construção social onde as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido a vida. (Sacristán, 1994). É ao nível do grupo social, que os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. É onde os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que se lhes oferecem e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva. (Enguita, 1990). Essas experiências, entre outras, constituem os alunos como indivíduos concretos, expressões de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, de escalas de valores, de padrões de normalidade. Apesar da aparência de homogeneidade, expressam a diversidade cultural: uma mesma linguagem pode expressar múltiplas falas. Nessa medida em a educação e seus processos é compreendida para além dos muros escolares e vai se ancorar nas relações sociais. Os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, mas, também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. À escola é parte do projeto dos alunos. A noção de projeto é, entendida como uma construção, fruto de escolhas racionais, conscientes, ancoradas em avaliações e definições de realidade, representando uma orientação, um rumo de vida. Mais uma vez a escola expressa a lógicas instrumental.

Nos contextos investigados, escola é considerada relevante quando possibilita o encontro com os amigos - os pátios, os corredores, os espaços externos da escola são os lugares mais agradáveis e interessantes; eles realçam que a escola não privilegia a convivência entre os jovens, embora, esta constitua importante instrumento de formação da própria identidade que é construída na relação com os outros, as relações sociais são vividas por pessoas procurando a autoconstrução de identidade. E, essa é uma característica humana, precisamos do outro como espelho para nos ver, e também somos espelho do outro.

- Sonhos Juvenis no âmbito da realização pessoal e coletiva

Para os nossos atores o que é permitido ao jovem é sonhar, já realizar o sonho é bem mais difícil, por isso, ele pode sonhar com uma vida digna, e completam - querer uma vida digna não é sonho apenas dos jovens e sim de todo ser humano. Um outro acrescenta: acho que quando a gente é jovem, não só o jovem, a gente tem bastante sonhos, eu não tenho só um, eu tenho vários, o meu sonho não é só ver um Brasil melhor, mas um mundo melhor.

Para os jovens de todos os meios sociais estudados, o maior sonho no âmbito da realização pessoal consiste em concluir o ensino médio e entrar na universidade; conseguir um bom emprego, trabalhar, ser independente, ajudar à família, ser feliz e realizar-se amorosamente - eu acho que o sonho de cada jovem é ter um estudo digno para que assim a pessoa possa para arrumar um trabalho que possa faturar boas coisas para si, poder construir uma família e partir para um futuro (GJR).



Grande parte dos depoimentos destaca que o sonho da maioria dos jovens consiste em ter uma boa escola, para que possam arrumar um trabalho e no futuro garantir boas coisas para si, e sua família. A questão que o leitor atento deve estar fazendo e que fizemos tantas vezes no decorrer da pesquisa é a seguinte: se eles são submetidos a tantas exclusões, se a própria escola é repleta de contradições, ao mesmo que os acolhe (mediante o acesso escolar) os expulsa através do processo sucessivo de repetência, que via de regra, culmina com a evasão, então de onde vem tanta esperança na escola, no poder da educação?

A resposta não é simples tendo em vista que a crença no poder da educação como instrumento de mobilidade social, se por um lado, encerra uma possibilidade real de melhoria das condições de vida, por outro, contém um forte componente ideológico. É conveniente destacar que parte dos jovens percebe e expressa tal contradição com bastante clareza: Oh meu! o cara de repente pensa que pode ser um advogado, mas, no final se contenta em ser empacotador de supermercado. Eu não vou dizer que o cara tá errado por causa disso, não vou condenar o cara porque ele quer seguir Direito, mas, o que reina é que a gente tá sendo educado para ser empregado e os cara para mandar para ser patrão (GJU)

Quanto aos sonhos de realização coletiva por ordem de relevância foram destacados os seguintes: acabar com o desemprego; lutar pela melhoria salarial; resolver a situação da saúde, educação (escolas, analfabetismo); moradia; ajudar as pessoas carentes/pobres que precisam as crianças de rua; acabar com a violência/fome/miséria e lutar por uma sociedade igualitária. Os modos como são tratados os problemas do país pelos governantes são percebidos e criticados pelos jovens, eles afirmam que estão revoltados contra a situação vigente, e acrescentam: o Movimento dos Sem Terra vem mostrando para gente todo esse negócio aí, o pessoal vem do interior para cá, chega aqui para pedir esmola, fica dormindo no meio da rua, tendo um terreno ali pronto para plantar e não pode plantar porque tem um dono, isso desapareça isso (GJMST)

Essa realidade é expressa de forma ainda mais clara no depoimento a seguir: ter mais conhecimentos, ampliando a visão de mundo, buscar a transformação social e com isso melhorar as condições de vida da minha família e das famílias do país, sonhamos com a transformação da sociedade, que essa transformação seja o socialismo, acabar com a desigualdade social e acabar com a concentração de terras (GJMST)

A utopia juvenil com toda sua beleza aparece tanto na fala dos jovens da periferia urbana quanto do MST conforme as falas a seguir: o meu sonho é gravar o disco dos malucos aqui vender para caralho e ter dinheiro para gente ajudar outros grupos de rua e criar uma economia solidária na periferia, independente do sistema. Botar uma borracharia, um lavador de carro pros malucos que não tem mais trampo quando voltar para escola, tentar levar o dinheiro de uma forma digna e honesta (GJU).

Como era esperado, a utopia juvenil é repleta de solidariedade, uma parcela considerável põe em relevo que se o jovem quer um país melhor não deve olhar somente para si, e sim, para aquelas pessoas que precisam de ajuda. Eles reforçam que a luta pela construção de mundo melhor, requer que os jovens reflitam sobre o que desejam realizar - mais paz, mais amor e respeito, um mundo sem drogas, construir uma vida mais humana, mais digna. O sonho de uma vida digna não é apenas dos jovens e sim, de todas as pessoas, pois quando ajudamos os que precisam é como se um pouco desse sonho estivesse começando a se realizar, o ser humano sente prazer em ajudar, ao ajudarmos alguém estamos contribuindo para começar a se realizar a vida digna porque ninguém merece está passando fome, vir ao mundo para viver sofrendo, principalmente uma criança, machuca ver uma criança passar fome, então, quando colaboramos, seja dando alimento, dando carinho estamos contribuindo para que esse sonho se realize.

Uma descoberta interessante obtida nesta investigação que embora não seja totalmente original muito surpreendeu diz respeito à clareza com que os jovens estão buscando outros caminhos para fazer política. O contato com as organizações juvenis (grupos religiosos e culturais), especialmente com o Movimento Hip Hop e o MST, mostra que os integrantes deste agrupamento procuram estudar, possuem uma visão crítica acerca das teorias políticas e se preocupam com adequação destas à realidade cotidiana.



Dentro desta moldura que tem como marca maior a solidariedade, se pode compreender melhor a participação de nossos sujeitos em organizações sociais juvenis. Tal engajamento embora não seja compartilhado pela maioria, julga-se altamente relevante constatar que cerca de um terço dos jovens estejam envolvidos em grupos juvenis formais que se reúne e realiza atividades regulares. Essa participação é qualificada do seguinte modo: grupos sociais/religiosos (23,5%); grupos culturais (41%), dentro desta categoria destacando-se: música (35,5%), teatro (18%), bandas (15%). Fica claro que a experiência mais positiva de sociabilidade ocorre naqueles ambientes onde há estímulo à participação, notadamente nos agrupamentos tipicamente juvenis.

Os dados da pesquisa permitem concluir que a alardeada passividade dos jovens ocorre apenas na aparência, depende da forma como os estudos têm focado a questão, pois embora a participação direta em partido político e no movimento estudantil seja reduzida os jovens investigados estão descobrindo novas formas de fazer política tendo em vista que mais de um terço (31,6%) participa regularmente de organizações sociais juvenis. Além da busca dos ideais e utopias juvenis o significado dessa participação grupal expressa a necessidade de fazer amigos (67,3%); sentir-se bem (61%); divertir-se (52,7%); sentir-se útil (44,2%).

- Os jovens e as atividades de cultura e lazer.

No cotidiano da periferia e do meio rural encontramos uma juventude, que cria, recria e não se satisfaz com os "pacotes" estabelecidos. Estes jovens no dia a dia, desconstruem o conceito de juventude enquanto unidade e mostram-se diversos. Procuram soluções para a exclusão e as contradições culturais, falam de política, desigualdades e buscam opções de lazer para o jovem da periferia, por isso criam alternativas, recriam e legitimam espaços. Os dados evidenciam que a atividade de maior importância implica no desenvolvimento das relações entre pares, onde estendem seus laços de identidade e sociabilidade.

As formas de ação são as mais diversas inclui a dança, a música, o teatro, reuniões, grupos de debates, esportes, etc., atividades estas, expressivas, que refletem o que pensam, o que defendem e o que são contra, e de conquista de espaço num mundo de consumo, de apelos ao "jovem global", de violência urbana e de diferenças sociais.

Os resultados confirmam as formas de atuação dos jovens no que diz respeito ao cotidiano e lazer, uma síntese das ações que os jovens estudados dizem que mais gostam de fazer: namorar (18, 5 %), sair/praias (17, 0 %), jogar bola/futebol (16, 0%), participar de grupo e atividades artísticas (16%), ler/estudar (15, 0%), assistir televisão (10, 0 %). Os dados evidenciam que atividades de maior importância implicam no desenvolvimento das relações entre pares, onde estendem seus laços de identidade e sociabilidade, preponderantes nas suas ações.

A rua constitui o principal meio de se expressarem enquanto categoria social, por isso a praça, representa o espaço onde os jovens podem namorar, dançar, praticar algum esporte, conversar e reunir o grupo para trocarem idéias. O espaço da rua fornece afirmação da cultura juvenil e possibilidades de lazer, onde se tem espaço livre, o que não pode ser encontrada nas instituições particulares. O lazer, também, assume uma forma de ocupar o tempo e não estarem ociosos, e assim não se envolvem com coisas indevidas como drogas, o que se expressa nesta fala: Eu acho que o jovem gosta de brincar, de se divertir e aqui tem muito pouco disso. A partir do momento que uma área não tem lazer a rapaziada tem que se ocupar com outra coisa. Porque se não tem lazer e não tem como tu ocupar teu tempo, conseqüentemente... Coisa boa é que não vai fazer (GJU).

O esporte aparece como meio para atrair os jovens a uma maior integração na comunidade, possibilitando afastarem-se das drogas. Afirmam que a violência e o uso de drogas decorre da falta de lazer. Apontam diferentes tipos de esporte, no entanto, o futebol aparece como o mais praticado (Futebol 44%, Voley 12%, Natação 10%, Futsal 9%, Basquete 6%, Hand Boll 4%). Eles que - o futebol é tudo pro brasileiro, mas se a gente for partir pra outro esporte como natação modifica muito, futebol nasceu pra periferia mesmo. (GJU).



Convém destacar que as atividades esportivas e culturais são aquelas onde jovens têm maiores possibilidades de integração social, de curtir, de se divertir nesse momento de encontro com os amigos. Mas é no contexto desses dois tipos de atividades, que eles vivenciam as diferenças sociais, no que diz respeito à prática de determinados esportes. Vejamos - o cara que é de periferia, claro que não tem dinheiro pra fazer um curso de natação, um curso de arte, um instrumento, fazer um curso, por isso que o futebol é tão querido, tem um custo barato (GJU)

O futebol é algo que está presente nos sonhos dos jovens. A prática deste esporte é possível ao jovem da periferia, porque tem um custo baixo e pode constituir uma grande oportunidade de vencer na vida através do talento. Os jogadores famosos são para eles um grande referencial, porque também tiveram origem na periferia. Desta forma, quando perguntamos o que mais poderia colaborar com os seus projetos muitos responderam quer seria o talento para o esporte, música dança e teatro. Denunciam a ausência de políticas públicas e reivindicam novos espaços, que forneçam oportunidades para aprender a fazer algo, como por exemplo, cursos para tocar instrumentos. Eles querem algo que lhes sirva para o futuro, que lhes dê chances profissionais, e não apenas o lazer pelo lazer. Faltam espaços para chamar o jovem para a parte profissional, assim cursos de computação, biblioteca, assim para jovem vir, ler, pesquisar assim essas coisas para o lado profissional... a gente tenta aproveitar esse pouco tempo que a gente tem conversando, discutindo assuntos sobre a gente, sobre a sociedade (GJU)

A escola aparece como lugar de encontro e também de lazer, relação esta compreensível, pois é na escola que passam a maior parte do tempo, nesta se dão relações de trocas, amizades, sem falar que os primeiros grupos surgem na escola: jogos, oração, estudo, teatro. Sem esquecer o recreio, momento de lazer, dentro do horário escolar, esperado por todos, são quinze minutos que poderiam parar no tempo, para fazerem tudo o que têm vontade. Até parece mágico, tem de dar tempo fazer tudo: ir ao banheiro, merendar, brincar, conversar e ainda combinar o que se vai fazer no final de semana. A visão de escola proposta pelo jovem aproxima-se daquela advogada pelos educadores progressistas: Eu sonho com uma escola onde tivesse acesso tremendo a cultura e o lazer. Porque dentro da escola ia ser obrigação da direção, dos professores, do grupo gestor, ia ser responsável de fazer lazer pra rapaziada. O mais sagrado que podia existir no bairro ia ser a escola, com lazer, cultura, gincana, festas assim culturais, eventos (GJU).

Os jovens rurais e urbanos participam de diferentes grupos e organizações sociais juvenis, seja de grupos religiosos, associações, grupos culturais; essa gama de atividades: culturais, sociais e políticas representam uma nova dinâmica de relações sociais, geram a ocupação e a socialização e ocorrem nos diferentes espaços em vivem os jovens. A expressão concreta desse processo é representada pelos movimentos culturais que contêm iniciativas que negam processos de marginalização. Um exemplo é constituído pelo Movimento Hip Hop através do RAP (rhythm and poetry), do break (dança de rua) e do grafite (expressão visual), este preenche ou inventa novos espaços e tempos. São com essas máquinas que o movimento opera, de onde provém a sua vontade de potência, sua capacidade de resistência. Suas músicas, danças, são processos de expressão que vão de encontro à produção de massa da sociedade capitalista. E o que levaria a juventude hoje a se engajar, a um movimento mais forte, certo, seria o que a gente chama de nova contracultura. Porque o movimento contracultura o qual nós propomos, ele não está terminado, ele tem um processo super longo (GJU).

A proposta de transformação revolucionária dos jovens envolve uma revolução cultural que implica em mudanças, no comportamento, gosto, estilo de vida das pessoas, e que possa desencadear novas relações com a sociedade - cada grupo de forró, cada banda de rock, cada grupo RAP, passaria na suas músicas e se contraporiam ao sistema. Sem se vender, criando aí um mercado próprio. Toda uma atividade sendo a mais ampla coletividade, do ponto de vista de decisões, do ponto de vista de distribuição de renda. Só um movimento de contracultura forte, consistente e engajado, na luta de classes e militante seria capaz de aumentar esse quadro de pessoas que participam em grupos, a participar em grupos. E aí travando as lutas quotidianas e, fazendo ferver em toda cidade, em todo canto do planeta a luta. E aí ressurgir na juventude o



sonho, o sonho de ser livre, o sonho de ser fraterno e ser solidário. O sonho de construir uma sociedade onde todas as pessoas possam ser felizes. E onde todas as formas de amar sejam respeitadas (GJU).

Cabe destacar que através de suas práticas jovens recriam as formas de fazer política, de protestar, através da sua dança, da sua arte (grafite, teatro, bandas), isso tudo são expressos nas letras de seus raps: Ligados que atitude não é dedo no gatilho, acredito que vão seguir a idéia aqueles que estão me ouvindo/ Quero que reine a paz na periferia. Nos grupos de debate pedimos que apresentassem sugestões para o lazer, caso fossem administradores públicos. Vejamos suas respostas: Se a gente fosse administrador aqui do bairro, a gente acha que não adianta só colocar praças e locais pra esporte não, tem que haver toda uma transformação. Daí seria mais ou menos investir em projetos tipo mini empresas para que comece a entrar dinheiro no bolso da rapaziada e a rapaziada já entendida de que a droga não vai levar a nada (GJU).

Desse modo, para suprir a ausência de políticas públicas direcionadas para juventude, os próprios jovens procuram desenvolver atividades sociais e de lazer para ocupar o tempo, pois eles moram em áreas que são desprovidas de lazer, para tanto, realizam atividades como: congressos, encontros, reuniões, atividades artísticas e recreativas.

3- Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena (1997), "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil", Revista Brasileira de Educação, ANPED. São Paulo, nº 5, pp.25-36.

CANDAU, Vera (1997), Pluralismo Cultural, Cotidiano Escolar e Formação de Professores, em Candau, Vera (org.), Magistério: Construção Cotidiana. Petrópolis, Ed. Vozes.

DAMASCENO, M.N. & THERRIEN, J. (2000), Artesões de um Outro Ofício: mestres e aprendizes constroem saberes nas práticas cotidianas. S. Paulo, Annablume.

DAMASCENO, M.N. (2001), Trajetórias da juventude. Fortaleza, Ed. UFC/LCR.

DAMASCENO, M.N. (2004), Entre o sonho e a realidade: educação e perspectiva de trabalho para os jovens. Fortaleza, Ed. Brasil Tropical.

DAYRELL, Juarez (1992), "Educação do Aluno -Trabalhador: uma abordagem alternativa", Educação em Revista, Belo Horizonte, nº 15, pp. 21-29.

DIÓGENES, Glória (1998), Cartografias da Cultura e da Violência. S. Paulo, Annablume.

DUBET, François & MARTUCCELLI (1996), A l'école: sociologie de l'expérience scolaire, Paris, Seuil.

ENGUITA, Fernández (1994), A Face Oculta da Escola. Porto Alegre, Armed.

FEATHERSTONE, M (1997), O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-Modernismo e Identidade. S. Paulo, Studio Nobel.

GUATTARI, Félix. & ROLINK, Sueli (1996), Cartografia do Desejo. Petrópolis, Ed.Vozes.

HALL, S (1997), Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora.

MELUCCI, Alberto (1997), "Juventude tempo e movimentos sociais", Revista Brasileira de Educação, ANPED. São Paulo, nº 5, pp. 5-14.

PAES, J. Machado (1996), Culturas Juvenis. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

SACRISTÁN, Gimeno & Gómez, P (1994), Compreender e Transformar o Ensino. Porto Alegre, Arted.

SPÓSITO, Marília (1992), "Jovens e educação: novas dimensões da exclusão", Em aberto, Brasília, nº 56, pp. 43-53.



SPÓSITO, Marília Pontes (1997), "Estudo sobre juventude em educação", Revista Brasileira de Educação, ANPED. São Paulo, nº 5, pp.37-52. Formação da Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade culturalⁱⁱⁱ

- ⁱ Texto originado da pesquisa coordenada por Maria N. Damasceno, com apoio do CNPq - Processo: 520186/98-2
- ⁱⁱ As referências entre parêntese no texto têm o seguinte significado: GJU jovem urbano, GJR jovem rural e JMST jovem do MST, dizem respeito aos jovens sujeitos do estudo, oriundos de diferentes meios sociais investigados.
- ⁱⁱⁱ Texto originado da pesquisa coordenada por Maria N. Damasceno, com apoio do CNPq - Processo: 520186/98-2